

TATUAGEM, UNHEIMLICHE E IDENTIFICAÇÃO: DESVELAMENTOS

Gláucia Faria da Silva

Psicanalista, doutoranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, pesquisadora convidada na Université Rennes 2, França, membro da pesquisa internacional *Marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo*, pesquisadora do Laboratório de Epistemologia Genética do Ipusp.

E-mail: glaufaria@osite.com.br

Patrícia Porchat*

Psicóloga, doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade Paulista, participante da pesquisa internacional *Marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo*, PST-IPUSP e Rennes 2, França, pesquisadora do Laboratório de Epistemologia Genética do IPUSP.

E-mail: patiporchat@uol.com.br

Resumo: A tatuagem é um fenômeno presente em todas as camadas sociais, com ampla inserção em todos os grupos etários e tem sua motivação comumente relacionada ao prazer estético, à beleza corporal e ao interesse por arte. Estas referências, entretanto, são insuficientes para compreendermos o *lado B* da experiência: os pesadelos, as tentativas de apagamento e a compulsão presente na preocupação com parar de tatuar-se.

Algo acontece entre a busca do embelezamento e a execução da tatuagem que fisga o sujeito para a dimensão da angústia. No detalhamento desta, a especificidade da angústia *Unheimliche* nos servirá de guia e, na função epistemológica de desvelamento, possibilitará uma aproximação da identificação.

Da leitura atenta do conceito, surgirá a função da identificação e, com ela, o desvelamento da pulsação infinita da trama desejante, trama em que o objeto quer *falar*, se representar, se manifestar. A função psíquica da tatuagem na neurose é a mesma de cada passo dado a cada manhã: localizar o objeto e, com este norte, calibrar a bússola da neurose.

Palavras-chave: psicanálise; tatuagem; identificação; *unheimliche*; objeto; marcas corporais.

* Autora do livro *Freud e o Teste de Realidade* (São Paulo, Casa do Psicólogo/Fapesp, 2005).

Abstract: The tattoo is a social phenomenon found in all social strata, with broad inclusion in all age groups and their motivation is commonly related to aesthetic pleasure, beauty and interest in body art. These references, however, are insufficient to understand the *B side* of the experience: the nightmares, attempts to erase, the compulsion and the concern about stop tattooing.

Something happens between the search of beauty and the execution of the tattoo, that drags out the person to the anguish dimension. In detailing this, the specificity of distress *Unheimliche* will serve as our guide and, in the epistemological function of uncovering, allow an approximation to the concept of identification.

Reading of the concept, the identification function will appear and, with it, the uncovering of the infinite pulse of desiring, when the object wants to talk, represent itself and manifest. The tattoos psychic function in the neurosis is the same for each step every morning: find the object and with this North, calibrate the compass of neurosis.

Keywords: psychoanalysis; tattoo; identification; *unheimliche*; object; body marks.

Tatuagem: gozo e angústia

Frente à miríade de marcas e intervenções corporais, a tatuagem raramente é considerada uma modificação radical. Sua estética parece ter sido relativamente bem assimilada pela cultura, porém, a assimilação crescente enfraqueceu o sentido de *desafio* classicamente associado à prática e disseminou a ideia de que tatuar-se é simples, acessível e quase indolor. Algumas ressalvas se limitam à higiene dos estúdios e às técnicas de apagamento, contudo, nas falas de jovens tatuados e nos estudos sobre o tema, observa-se que restam surpresas à espreita do sujeito, duas delas capazes de transmutar o prazer experimentado em angústia.

A primeira diz respeito ao corpo. Marcar o corpo pode provocar a fâsca pulsional cuja intensidade transparece na vontade de continuar se tatuando que habita o cotidiano de todos os entrevistados para a pesquisa. As motivações e a intensidade variam, mas a pulsação permanece. Muitos autores nomeiam este aspecto como a característica *aditiva* das marcas corporais.

Não sei, é uma sensação... não sei explicar, mas é, é, sabe quando você tem muita sede e você toma um copo d'água? E fala "ai que alívio!" *E – é como uma necessidade?* Depois que você faz a primeira parece que vira uma necessidade. "Ah, eu preciso fazer outra, quero fazer outra, não, essa não tá boa, eu preciso de mais uma pra ficar melhor". (Olivia)

E - você acha que você para depois? Não!!! (ri) Mas eu preciso falar que eu paro!!! (rindo) [voz mais aguda] (Gui)

E - O que dá essa sensação de quero mais? (silêncio) Olha... ser tatuado, a sensação na hor... na hora da tatuagem é interessante também assim, não sei, o pessoal fala em endorfina tal, não sei, (...) mas quando você termina uma sessão de tatuagem tal, dá um bem-estar. (Bento)

Vinciguerra (2010, p. 302) descreve a relação entre gozo e sintoma: “Uma faísca de significantes se agrupa, depois converge em direção a uma parte insondável de gozo, aquela que o sintoma toca. O sintoma é então levado à incandescência e depois se apaga”¹.

Importante na referência lacanianiana, o gozo, manifestação da pulsão de morte enquanto repetição, pode nos remeter ao aspecto econômico da insistência de Freud ao afirmar que o psiquismo não abandona um caminho trilhado. No caso do sintoma, antes modificar o conteúdo conflitivo que alterar sua sempre surpreendente arquitetura gozoza². Apesar de não se configurar como sintoma, a tatuagem mantém com este um laço importante: ela contém o rastro da incandescência do gozo produzido quando o corpo é convocado e que se mantém passível de reativação e de tramitação de conflitos ou de simples repetição.

A segunda *surpresa* trata da experiência subjetiva quando as imagens tatuadas são vividas sob o signo da angústia. Tentativas de apagamento da marca, pesadelos ou comportamentos aditivos destacam a tatuagem em uma dimensão contrária à da marca *assimilada, incorporada, inscrita* no corpo. Que as marcas corporais participem da busca de inscrição identitária está descrito em LE BRETON, 2009; BARBERIS e LIPPI, 2009; REISFELD, 2009; PÉREZ, 2006; LÍRIO, 2010. Está também estabelecido, por estes mesmos autores, exemplos de experiências de compulsão e angústia (LE BRETON; REISFELD, 2009; PÉREZ, 2006). A estas últimas, entretanto, não foram consagrados estudos específicos. Como encaixar na afirmação poética da *tatuagem como escrita* aquilo que não entra na gramática, que resta indigesto? Como ignorar os depoimentos?

1 “un faisceau de signifiants se resserre, puis converge autour de la part insondée de jouissance, celle que le symptôme recèle. Le symptôme est alors porté à incandescence puis s'éteint”. Vinciguerra, P-R. *De la règle du Jeu*.

2 Freud (1915, XIV, O Inconsciente) reitera que cada mecanismo bem sucedido, cada montagem sintomática é fruto de um trabalho psíquico complexo, que conjuga complacência somática, história pessoal, prazer de órgão, desejo, significantes, pulsão.

Dante e Gui não falam em arrependimento, no entanto, Dante encobre a tatuagem de um carro com animais e plantas do fundo do mar, enquanto Gui recobre três meninas que lhe tomavam um terço das costas por uma enorme serpente que se enrola por toda a extensão de sua espinha dorsal. Gui tenta, mas não encontrou ainda uma técnica capaz de recobrir a cicatriz da queimadura de um pingente de metal, colocado em uma churrasqueira e impresso em seu peito.

Questionada sobre arrependimento, Nina refere que um leve arrependimento é tema recorrente, mas para pessoas próximas, seu irmão e um amigo. Fala que faria novamente suas três tatuagens. Talvez não a da virilha... pois não é usual (?). Adiante diz não faria a frase nas costas, talvez um desenho. Adiante ainda diz não faria borboleta, inseto sem sentido para ela, talvez faria algo que simbolizasse algo. Diz não se arrependeu de fazer Direito, curso para o qual sua mãe a inscreveu.

Entrevistados e entrevistadores se deparam com a angústia e a ausência de tematização pode ser analisada. Eis algumas hipóteses. Em alguns artigos vê-se o pesquisador (LÍRIO, 2010; PEREZ, 2006) seduzido pela experiência estética, tendendo a assimilar o discurso de *transformação subjetiva* pleiteado pelos adeptos das modificações corporais. Questão espinhosa quando se dispõe de critérios explícitos, o que pensar então quando se trata de avaliações subjetivas de sujeitos singulares, tomados pela intensidade que tende a ser considerada prova de mudança?

Outros artigos descrevem uma fragmentação discursiva dos depoimentos, sem, entretanto, balizas interpretativas suficientes. Repetem assim a bricolagem discursiva testemunhada sem que a cisão se transforme em questão (LO SARDO, 2009; LE HÉNAFF, 2007). De qualquer maneira, parece prevalecer uma espécie de negação do *lado B* das transformações do corpo, como se a psicopatologia individual fosse suficiente para compreendê-la.

As marcas corporais são uma prática social, fazem parte de uma *cultura* empenhada em impor sua ética, seu campo e ordenar sua disseminação. Todos os sujeitos entrevistados pareciam defender um ideal, uma filiação. De maneiras diferentes todos se posicionaram defensivamente em relação às escolhas que tomaram sobre o próprio corpo, apontando certo fechamento discursivo.

Seja qual for o motivo, colmatar a importante cisão observada entre imagem e discurso, ato e narrativa, ignorando-a, não promove o avanço da pesquisa acadêmica. Uma pesquisa psicanalítica preza os acidentes de percurso ou de linguagem para se

deter sobre sentidos impensáveis e sua especificidade está apoiada sobre as premissas do inconsciente. Onde, portanto, recortar o inconsciente capaz de legitimar a análise psicanalítica ética e responsável?

O caráter inconsciente das marcas

Bom, como eu trabalho com *designer*... eu tenho assim... um fetiche, quase, por imagens. eee... (...) Ah eu não sei... eu gosto de tatuagem como... (breve silêncio) nunca foram símbolo... não precisa ter necessariamente um significado ou... qualquer coisa, mas é um resultado visual. Eu gosto de tatuagem por ser uma coisa muito... icônica..., uma coisa muito fechada em si mesma, em cada tatuagem. (...) As tatuagens que eu gosto que são as mais tradicionais, elas ocupam a parte do corpo como se fosse eles, ali, só, cada uma é fechada em si mesma e elas compõem um todo, mas cada uma já é uma tatuagem... uma coisa bem... uma sintetização (...) é... como resultado visual eu acredito que elas funcionam melhor por já terem... resistido ao tempo, entendeu, elas estão aí há muito tempo, não é uma coisa que é efêmera, de hoje em dia, que é uma tendência... é uma coisa que já existe como tatuagem mesmo... (...) não existe, o desenho do Miró... é uma tela, não é uma tatuagem... (Bento, 25 anos, 20 tatuagens)

No levantamento bibliográfico (REISFELD, 2009; PÉREZ, 2006; LÍRIO, 2010), sobressaíram motivações generalistas como o *amor à arte*, a construção de novos amigos e a busca estética que, como se vê na fala de Bento, preza apenas o resultado visual da tatuagem. Na resposta objetiva à entrevista, um certo evitamento de dar sentido às imagens se fez presente, como se o desdobramento narrativo deslegitimasse a arte, ferindo uma ética grupal. Por outro lado, os sentidos que apareceram no decorrer da entrevista surpreenderam Bento e outros sujeitos. Encontramos ainda dificuldade em reconstruir desejos: as entrevistas, ordenadas como sucessão descritiva de ações, aparentam a superficialidade de um discurso pouco apropriado. Onde o sujeito? Como pressupor vestígios de inconsciente implicados no tipo de escolha como a que apresenta Bento? Existiria um caminho para que a leitura psicanalítica não violentasse um campo para o qual não foi chamada?

É fato que, ao responder ao convite para falar, está implícito um enlace transfereencial e, de alguma maneira, inconsciente. No entanto, outro aspecto nos pareceu fundamental, pois que oriundo da própria experiência da tatuagem.

Da análise exaustiva da bibliografia e das entrevistas, mostraram-se importantes as descrições do momento em que o jovem decide tatuar-se. Elas são instrutivas, pois

revelam uma concentração perceptiva e mnêmica, nostálgica, em pessoas, situações, imagens e possíveis profissionais a quem confiar a tarefa. Aparecem fantasias sobre a reação de cada personagem real ou imaginário, presente ou futuro frente ao ato, antecipações de si no futuro, criação de narrativas para sustentar a escolha. Investimento maciço, um verdadeiro *trabalho psíquico*. Alguns dos jovens tatuados, ao dedicarem-se à criação desta imagem, revisitam sua própria história, interesses, memórias, entregam-se sem perceber a um processo de associação livre, cujo objetivo final é delinear uma imagem. Não uma imagem qualquer, mas um símbolo que represente o sujeito ou algo que lhe pareça fundamental naquele momento de sua vida. Assim, à sua re-velia, sinais libidinais e interdições, identificações e repetições deixam suas marcas.

Propomos que boa parte dos jovens tatuados alcance um estado de prontidão psíquica que se aproxima do que Freud nomeou como *ânsia desejante* (FREUD, 1921/1999, p. 129). Este é o estado que adjetiva a motivação do *primeiro poeta épico* que, inspirado no caçula da fratria protegido pela mãe, criou pela primeira vez uma narrativa ficcional em que o herói vence sozinho o pai, saindo – em sua fantasia – da massa.

As traduções da expressão *sehnsüchtige Entbehrung* = ânsia desejante ou falta nostálgica³ indicam um estado em que o sujeito entra em contato com o que lhe falta e esta falta o coloca em movimento. Impulsionada pelo desejo, esta ânsia é fonte de trabalho psíquico, ela se desenha em fantasias a serem narradas, narrativa capaz de criar novas realidades. Pois bem, esta prontidão parece análoga àquela do bebê momentos antes de alucinar satisfações diversas (FREUD, 1900/1999, cap. VII). Na alucinação paradigmática do bebê, o desejo, inicialmente representado pelo objeto alimentar fusionado ao pulsional, mobiliza o psiquismo a ficcionalizar o objeto, dando-lhe figurabilidade alucinatória, multiplicando assim a possibilidade de satisfações diretas ou substitutivas.

Estes elementos nos levaram a propor que os jovens podem, de maneira semelhante à figurabilidade onírica e alucinatória, experimentar uma *figurabilidade* cujo substrato visível é *corporal*. Tal qual no sonho, o inconsciente se presentifica em

3 Todas as traduções desta expressão: *ânsia desejante*, *privación añorante* ou *privation, pleine de désirs nostalgiques* indicam uma falta e a configuração do desejo. Agradeço a colaboração de Nelson da Silva Junior nesta tradução.

imagens que condensam deslocamentos, disfarçam significantes, vozes, vestígios do inconsciente. A finalização da imagem a ser tatuada torna-se ato ficcional, peça da narrativa subjetivante do sujeito.

Todo o processo é acompanhado ainda de outra constatação. É comum observar, nas entrelinhas das entrevistas, a fantasia de que a marca corporal revela um traço primordial, uma *essência de si* capaz de conferir consistência à encarnação subjetiva. Referimo-nos à crença, por que não à *ânsia desejante*, de que o processo leve à figuração de uma imagem que represente o sujeito melhor do que ele mesmo saberia mostrar ou dizer. No sentido que pretendemos ressaltar, Silva Junior e cols. (2009) apresentam uma vinheta onde uma paciente experimenta com tamanha intensidade esta colagem sujeito-corpo, que sente poder, não apenas colocar tinta sob a pele, mas físgar as imagens de dentro de si com uma agulha de tricô. O aspecto alucinatório é menos importante que a perturbação da função egoica do juízo pela intensidade desejante.

A intensidade da prontidão que nomeamos, como Freud, de *ânsia desejante*, seu encontro com a realização deste desejo através de uma marca corporal, pode alterar a percepção a ponto de o sujeito habitar, por instantes, a fronteira eu/não-eu. As experiências regressivas de perda das fronteiras egoicas é um dos critérios para a descrição do *Unheimliche*.

Eis o caminho percorrido até o momento: o *lado B* das tatuagens se adensa de elementos inconscientes e se abre à interpretação através de uma angústia específica, originada frente à perspectiva singular do *Unheimliche*⁴.

0 sentimento *Unheimliche* em sua interface: as identificações

De posse dos depoimentos dos tatuados, pareceu-nos surpreendente que, envolvidos seriamente no processo de suas tatuagens, cuidadosamente escolhendo tatuadores, locais do corpo, imagens, organizando tempo e dinheiro para tal construção, estes jovens pudessem experimentar angústias – no sentido psicanalítico do termo – frente ao resultado do processo. Não se trata apenas de mera insatisfação: recobrir uma imagem ou ser confrontado com pesadelos indica um mais além digno de ser pensado. Não consideraremos motivações antecipadamente intensas como as de Gui ao se

4 Ominoso, inquietante, *Unheimliche*, são denominações do sentimento frente à repetição ou o retorno de algo simultaneamente estrangeiro e familiar, estudada por Freud em seu artigo *Lo ominoso*, 1919.

queimar ou as de Dante diante da morte da mãe. Ficaremos com o caso de Olívia, que, sem qualquer ação ou motivação extraordinária, se vê confrontada com dois pesadelos ligados ao corpo e à tatuagem.

Freud descreve, sem categorias rígidas, vários tipos de angústia e causas possíveis. É fato que ele ressalta a angústia frente à castração como fonte de toda neurose e que, em *O Ego e o Id*, propõe angústias diferentes entre ego e id e ego e superego. A causa de angústia que gostaríamos de ressaltar, entretanto, se encontra no texto *Lo ominoso* (FREUD, XVII, 1923/1999). Vejamos se o caso de Olívia pode nos servir de sustentação.

Olívia marca seu corpo aos 15 anos com uma pequena lua – pela qual é reconhecida e lembrada por toda família – e mais tarde por um dragão que repete, algo deslocado, o tema e o destino de inscrição da menina na memória familiar. Lua e dragão lhe conferem não exatamente um lugar simbólico, mas um contorno egoico, um leque finito de significações afetivas de fundo identitário onde Olívia se encontra, movimenta e reconhece.

Este tipo de inscrição tem por função fazê-la *sentir-se em casa* em um mundo vivido como estrangeiro. Esta função é preenchida e reforçada por suas tatuagens (e provavelmente por outros recursos) que, ao condensarem *flashes* de si, ao atraírem o olhar e o reconhecimento do outro para um aspecto de si mesma, conferem certa estabilidade a este psiquismo que parece incapaz de fazer o luto pela ‘garotinha que gostava da lua’. Todas as Olívias precisam permanecer, continuar a construção de um *sentimento de si*. Nenhuma pode ser esquecida para assim dar lugar a novas significações. Alguns deslocamentos acontecem, mas à condição de uma permanência na pele.

Pois bem, este é um contexto corriqueiro para tatuagens realizadas na transição da adolescência ao mundo adulto. Vemos uma jovem cujos conflitos psíquicos estão dentro do esperado para o período. Entretanto, coloquemos uma lente de aumento nas angústias que se esboçam e a habitam eventualmente. Estas serão a tocha a nos guiar da fenomenologia da experiência à hipótese metapsicológica⁵, fronteira entre o observável e a reconstrução teórica de um aspecto da tatuagem.

5 É preciso sublinhar que a leitura de tais angústias são exclusivamente fruto de interpretações das pesquisadoras frente ao material de uma longa entrevista. Ele apresenta coerência interna, mas não tem apoio em associações da entrevistada.

Uma primeira angústia, ligada ao contorno egoico se faz presente, sentimento que toma corpo entre a pequena distância eu-outro e a necessidade de reforçar os contornos conhecidos e reassseguradores. A primeira imagem tatuada expressa este quadro tenso entre diferenciação e indiferenciação.

No campo dos arrependimentos, Olívia não se refere a qualquer espécie deles. No entanto, no meio da entrevista relata dois pesadelos. Um deles relacionado ao filme *O Tatuador*, que conta sobre a maldição de uma tatuagem inacabada que dota de autonomia todas as marcas realizadas pelo mesmo instrumento e que passam, então, a se expandir, afogando em tinta aqueles que a portam. O outro, ao filme *Jogos Mortais*, que presentifica a fragmentação do corpo e a morte de membros da família.

A angústia presente no primeiro pesadelo aprofunda aquela descrita na tatuagem. Neste, uma força primitiva invade de dentro para fora, ameaçadora, incontrolável. Ela ameaça a integridade do ego. Delineia-se certa forma de transgressão (da tatuagem que ficou inacabada), onde aparentemente se presentificam aspectos narcísicos e edípicos, capazes ambos de aniquilar o sujeito, apagando a diferenciação criada pela tatuagem. Há ainda o aspecto pulsional a ser lembrado, força amaldiçoada que se assemelha aos efeitos da pulsão. Coloquemos à prova se podemos aproximar a fonte de angústia de Olívia do *Unheimliche*.

O sentimento inquietante ou *Unheimliche* tem sua origem cuidadosamente descrita por Freud (XVII, 1919/1999). Este efeito é buscado sobretudo na ficção e sua principal característica, presente na etimologia da palavra alemã, é o ressurgimento de algo que foi uma vez familiar, retorno que provoca um sentimento *estranhamente familiar* e angústia. Analisando elementos narrativos, Freud os relaciona de maneira perspicaz a fontes infantis. Assim ele faz com o olhar, o duplo, a repetição fortuita, relacionando-os, respectivamente, à castração, ao superego e à compulsão à repetição intrínseca à natureza das pulsões. Estas fontes são enriquecidas por outras descrições que, no entanto, não são nada simples de resumir.

Quando retoma as fontes infantis, sobretudo no caso do duplo, Freud reforça que perturbações do ego,

retrocessos a fases singulares da história do desenvolvimento egóico, de regressão a épocas em que o ego não havia se separado claramente do mundo exterior, nem do Outro (...) [são] efeitos que contribuem para a impressão inquietante, os quais não é fácil separar a participação. (FREUD, 1919/1999, p. 236)

A configuração afetiva do processo de tatuagem, o desejo de representar aquilo que se tem por dentro e a característica dúbia interno/externo desta marca contribuem para que a tatuagem seja fantasmaticamente vivida como uma espécie de duplo, uma espécie de *equívoco sobre o próprio eu*, uma *duplicação, divisão ou permutação do eu*. Freud indaga-se sobre os

vínculos do duplo com a própria imagem vista no espelho, com a sombra, a alma, *duplos* que devem sua origem a uma segurança contra o sepultamento do eu, (...) representações nascidas no terreno do irrestrito amor por si mesmo. (FREUD, 1919/1999, p. 235)

Aqui, no seguimento da descrição do duplo, percebe-se que Freud desenha, sem nomear, o conceito de identificação. Diz ele:

a representação do duplo não é necessariamente sepultada junto com o narcisismo inicial, com efeito pode tomar novos conteúdos a partir de estádios posteriores de desenvolvimento do ego. No interior deste se forma pouco a pouco uma instância particular que pode se contrapor ao resto do ego, que serve de observação de si e de auto-crítica, desempenha o trabalho de censura psíquica e se torna notória como consciência moral. (FREUD, 1919/1999, p. 235)

Este mecanismo corresponde ponto a ponto à hipótese do superego a partir das identificações primárias em *O Ego e o Id* (1923, parte III, pp. 30-40).

Eis que o duplo nos introduz no campo metapsicológico das identificações, mas não de qualquer identificação. Na fronteira inquietante do duplo, na regressão passageira deste momento de delineamento egoico, tal como o experimenta Olívia, o *Unheimliche* é motivado pela recolocação em movimento das identificações que mantêm ativa a dialética entre Ser/Ter o objeto.

Em Freud, uma das tentativas de teorizar este estatuto do objeto psíquico foi a dicotomia entre identificação e investimento objetal. Esta dicotomia foi tema central em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1921), mas, apesar de um comentarista apontar sua diluição a partir de *O Ego e o Id* (FREUD, 1923), ela permanece presente na compreensão e na subdivisão da identificação em primária e secundárias.

Dentro dos parâmetros Ser/Ter o objeto, desenvolve-se todo o raciocínio sobre a identificação e todas as controvérsias entre identificação-investimento. Neste eixo, Freud pode afirmar que as primeiras identificações são imediatas espontâneas, precursoras das relações objetais ou que são uma apropriação secundária do ego frente

à perda objetal, substituto do mesmo. Em *O Ego e o Id*, a tarefa se complexifica até a consideração do *Édipo completo* na formação do superego. Todas as combinações são todo o tempo ativas no superego (FREUD, 1923/1999, XIX, p. 35).

Esta localização tópica do objeto que depende da dinâmica e da economia intrapsíquica, da força relativa do ego e do próprio superego, pode se tornar um divisor de águas e desordenar o campo psicopatológico em extremos, o que fica exemplificado em *Psicologia das Massas*, com o objeto no lugar de ideal de eu, por um lado, ou da melancolia, de outro (FREUD, 1921/1999, XVIII, p. 108).

Na melancolia tem-se o melhor paradigma desta mobilidade do objeto psíquico que comporta a identificação: na imagem poética e inquietante em que o ego desaparece sob a sombra do objeto. O objeto vem a ocupar um lugar *indevido* na tópica, capaz de apagar a necessária e fluida dialética entre Ser e Ter o objeto [desenvolvida por Freud em *Psicologia das Massas*].

Identificação e tatuagem

No caso das marcas corporais, densamente habitadas pelo inconsciente como descrito acima, a ameaça de dissolução de fronteiras se presentifica quando as tatuagens revelam uma arriscada e excessiva proximidade do outro, o outro que habita as entranhas mais primitivas do eu, travestido em identificações e denunciado pelo *Unheimliche*.

À acepção de identificação que nos permite compreender o conceito em sua dimensão de familiaridade, semelhança, cópia ou imitação formadora do ego, onde predomina sua característica perceptual, denomina-se identificação imaginária⁶. Nela o *Unheimliche* torna-se a fronteira observável deste aspecto especular da experiência subjetiva.

Voltemos a Olívia. Apesar de reconstruir coerentemente a densidade subjetiva que a tatuagem pode alcançar, não temos nenhum instrumento que possa dissecar as angústias em jogo em um momento conflitivo. Toda nomeação freudiana é didática, as forças atuam simultaneamente, não existindo na prática uma tal pureza. É, contudo, palpável a presença do sentimento *Unheimliche* no pesadelo que dá vida às tintas das

6 A dimensão imaginária da experiência subjetiva é uma contribuição da teoria laciana, que nasce da hipótese de que o ego é fruto da antecipação visual de uma totalidade corporal alheia ao sujeito. O texto inaugural é *Le stade du miroir comme formateur da la fonction du Je*. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

tatuagens, bem como a potência *Unheimliche* das experiências em que se torna impossível determinar onde termina o corpo, onde começa o externo-interno da marca, ou seja, onde ego e objeto se tensionam.

No caso de Olívia e seus pesadelos, de Dante ou Gui com o recobrimento de suas tatuagens, observamos que a imagem gravada na pele figurou muito mais que o esperado. Estamos quase que habituados a, neste ponto, indicar o desejo inconsciente figurado pela tatuagem. Pois bem, nossa proposta foi focalizar nos desejos assim delineados os processos identificatórios, ou seja, não apenas quanto o ego trabalha para Ter o objeto, mas sua tendência a Ser o objeto e todas as consequências daí advindas. Esta tendência assimiladora do ego, descrita por Freud em *O Ego e o Id* (p. 27 e 31), nos leva a relacionar de maneira mais direta o *Unheimliche* despertado tanto pelo pensamento animista⁷ quanto pelo duplo, às angústias que florescem nesta *estufa de angústias* que é o ego (FREUD, 1923/1999, XIX, p. 57).

A dialética Ser/Ter está sempre em jogo nos movimentos desejanter e tratar a identificação é uma maneira de focalizar o *estatuto inquietante do objeto*: nem vivo, nem morto, nem abandonado, nem introjetado, nem dentro, nem fora, representado com frequência pelo sempre estranho reconhecimento de uma identificação.

O caminho tortuoso do fenômeno à metapsicologia desenha, de fato, um círculo. Há certa circularidade na neurose, que transparece nas marcas corporais. O sujeito, que crê *customizar-se* em sua busca estética e narcísica, se vê enredado na pulsação infinita da trama desejanter, trama em que o objeto quer *falar*, se representar, se manifestar. A função psíquica da tatuagem na neurose é a mesma de cada passo dado a cada manhã: localizar o objeto e, com este norte, calibrar a bússola da neurose.

Referências

- BARBERIS, O., & Lippi, S. (2009). Effraction et nom à l'adolescence: le tatouage. *Cahiers de psychologie clinique*, n° 33, p. 159-175.
- BÉGOIN, J. (1984). Présentation: quelques repères sur l'évaluation du concept d'identification. *Revue Française de Psychanalyse: L'Identification*, n° 2, p. 483-490.
- FREUD, S. (1886-1899). *Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud* (Vol. I). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.

7 Característica do pensamento animista é interpretar o mundo sob a perspectiva narcísica. Tudo o que acontece leva o crivo interpretativo da onipotência.

- FREUD, S. (1900). *La interpretación de los sueños* (Vol. IV e V). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1999.
- (1915). *Lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.
- (1919). *Lo ominoso*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.
- (1921). *Psicología de las Massas e Análisis del Yo*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.
- (1923). *El yo y el ello*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.
- (2006). *Sigmund Freud: Lettres À Wilheim Fliess, 1887-1904*. Paris: Edition Complète. PUF.
- LAPLANCHE & PONTALIS (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- LE BRETON, D. (2002). *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Collection Traversées, Éditions Métailié.
- (2008/2009). Entre signature et biffure. *Sociétés & Représentations: Ce que siner veut dire*, 25.
- LIRIO, D. (2010). *Suspensão corporal: novas facetas da alteridade na cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Annablume.
- LO SARDO, S. (2009). De chair, d'encre et de quotidien: Une ethnographie du corps tatoué. *Techniques & Culture*, v. 52-53, p. 282-305.
- PÉREZ, A. (2006). Identidade a flor da pele. *MANA*, v. 12 (1), p. 179-206.
- REISFELD, S. (2005). *Tatuajes: Una Mirada Psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- SILVA JUNIOR, N. (2003a). A sombra da sublimação: o imperialismo da imagem e os destinos pulsionais na contemporaneidade. *Psychê*, v. II, n. 11.
- SILVA JUNIOR, N.; DOUCET, C.; GASPARD, J.; CARVALHO, S. & GOMES, L. (2009). A narrativa do destino e a função identitária do corpo na modernidade. *A Peste*, v. 1, n. 1, p 127-141.
- VINCIGUERRA, P.-R. (2005). De la règle du Jeu. *Revue de la Cause Freudienne*, 62.

Recebido em 20/11/2011; Aprovado em 7/1/2012.